

500 ANOS Para ministro da Justiça, carta de demissão seria "redundante"

Gregori exonera Marés antes de receber renúncia

da Sucursal de Brasília

O ministro José Gregori (Justiça) exonou Carlos Frederico Marés do cargo de presidente da Funai antes de receber sua carta de demissão, ontem pela manhã.



Gregori se recusou a receber Marés no ministério. Em nota à imprensa, afirmou que a carta de demissão seria "redundante e desnecessária", já que a saída havia sido anunciada pela imprensa.

A nota rebate as críticas de Marés e diz que "críticas e conceitos sobre o governo, expedidos pelo ex-presidente, deveriam ter sido feitas no curso de sua gestão".

Marés deixou a carta de demissão com assessores do ministro. No documento, divulgado à tarde, o ex-presidente da Funai acusou o Ministério da Justiça de "omissão" por não ter impedido a violência contra os índios nas comemorações dos 500 anos.

"Já nas nossas primeiras conversas para organizar o encontro dos líderes indígenas com o presi-

dente (...), ficou claro para mim que entre nós faltaria a confiança recíproca que é exigida", diz um trecho da carta.

Outro alvo de Marés foi o general Alberto Cardoso, chefe do Gabinete de Segurança Institucional, a quem acusou de responsabilidade pela repressão aos manifestantes que participaram de uma marcha no último sábado.

O ex-presidente da Funai atribuiu a violência aos "porteiros da festa", que cuidavam da segurança. A assessoria do general Cardoso informou que ele não responderia às críticas de Marés.

A ação da Polícia Militar baiana precipitou o anúncio do pedido de demissão. Marés estava caminhando com os índios de Coroa Vermelha até Porto Seguro quando a PM barrou a marcha. Ele quase foi atingido por bombas de gás lacrimogêneo.

Marés disse que já pensava em entregar o cargo desde a saída de José Carlos Dias do Ministério da Justiça, no último dia 11.

Desde então, teria se sentido isolado na discussão sobre a segurança das comemorações dos 500

anos. "Não pedi demissão naquele momento porque isso poderia criar um clima de radicalização entre os índios, que queriam minha manutenção no cargo", disse.

Ele disse que advertiu o presidente Fernando Henrique Cardoso, em dezembro, sobre possíveis conflitos em Porto Seguro, já que os índios estariam insatisfeitos com o tom das comemorações.

Ontem, Marés evitou responsabilizar diretamente FHC pelos incidentes. "Não acredito que o presidente quisesse (reprimir), mas ele deixou a segurança nas mãos de agentes que vêem a questão social como questão de polícia."

Marés lamentou não ter sido recebido pelo ministro Gregori. "Ele tem tradição de defesa dos direitos humanos e eu queria fazer um relato sobre a enorme violação de direitos que aconteceu na Bahia", afirmou.

Ao sair do cargo, Marés disse que deixa encaminhada a discussão do Estatuto das Sociedades Indígenas e a homologação da reserva indígena Serra do Sol, em Roraima, que só depende da assinatura de FHC.

Marés descreveu a proposta do estatuto como "a melhor possível". Para ele, foi necessário "dar e receber chutes na canela" em discussões com outros setores do governo, contrários a pontos defendidos pela Funai.

Um dos pontos mais polêmicos é o que abre a exploração mineral nas reservas indígenas, desde que haja autorização do Congresso e da própria Funai. Para Marés, a possibilidade de mineração é plausível, "desde que os índios tenham absoluta consciência do que está acontecendo".

Para Roberto Liebgott, secretário-adjunto do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), o governo federal "não teve nem sequer a dignidade de ouvir o que Marés iria dizer em sua carta de demissão".

Ele disse que não se surpreendeu com o afastamento do presidente da Funai e que desde a posse já se sabia que ele cairia depois da comemoração.

Colaborou o enviado especial a Porto Seguro

→ LEIA MAIS sobre 500 anos nas pág. 1-5 e 1-6

Lula Marques - 22.abr.2000/Folha Imagem



Bomba estoura perto de Frederico Marés (de braços levantados), durante a marcha dos índios